

O HOMEM EM BUSCA DE SENTIDO: UMA LEITURA DE GÊN. 1-11

Euclides Martins Balancin *

A leitura literal dos onze primeiros capítulos do Gênesis, baseada numa noção errônea de inspiração, fez com que muita gente relegasse esses textos a um passado morto, porque reavivá-lo seria compartilhar uma interpretação infantil das origens da humanidade e sua história primitiva. É bastante óbvio que as narrativas de Gên. 1-11 não apresentem fatos que possam ser constatados e comprovados; mesmo que nos apontem o lugar do dilúvio, da torre de Babel ou o fenômeno do nomadismo quenita. Simplesmente podem servir como pano de fundo, mas de modo algum fazem com que o desenvolvimento dessas narrativas se tornem "história" no sentido moderno da palavra. Esses capítulos trabalham mais com a **interioridade da história**, se preocupam com os eventos interiores, que estão na raiz dos mistérios da vida. Descobrimos ali um dobrar-se a partir de uma constatação presente, sobre a situação da humanidade e do mundo, que coloca uma série de perguntas de uma validade universal. Mas o que encontramos em Gên. não é só uma constatação; os autores bíblicos refletem profundamente sobre essa situação constatada e apresentam uma **proposta**.

É essa releitura que pretendemos fazer. A nossa consciência da limitação do artigo está expressa quando, no subtítulo, dissemos que faríamos **uma leitura**.

Para começarmos a ler os onze primeiros capítulos do Gênesis, é importante que estejamos a par de alguns dados da crítica literária bíblica moderna:

1. Gên. 1-11 é composto de dois documentos principais: o documento **Javista** (= J) e o documento **sacerdotal** (= P; do alemão: *Priesterkodex*). O J foi escrito por volta do ano 950 AC no período salomônico; o P, durante o séc. VI, quando os israelitas se encontravam no exílio na Babilônia. A redação final, num todo único, deu-se a partir dessa época.(1)

(*) Licenciado em Filosofia pela OMEC, Licenciado em Teologia pela Universidade Tomás de Aquino in Urbe (ROMA), Licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (ROMA), Pós-Graduado em História Social pela USP, Professor de Teologia da PUC.

(1) Existe tentativa de descobrir subdivisões literárias desses documentos. Cfr., para isso, Eissfeldt, O.; *The Old Testament, An Introduction*, Basil Blackwell, Oxford (1965), pp. 158 – 170.

2. Tanto J como P usam tradições antigas populares, sapienciais e sacerdotais, que foram recolhidas e depois “costuradas” pelo redator numa seqüência mais ou menos lógica, conservando, porém, as características de cada documento.(2)

3. Há, portanto, no texto, gêneros literários diferentes nesses capítulos e que precisam ser levados em consideração para que possam ser bem compreendidos.

Esses pressupostos literários básicos devem estar presentes na leitura desses primeiros onze capítulos da Bíblia.

*

Divisão esquemática do roteiro que seguiremos:

I – Criação:

A – Gên. 1,1 – 2,4a (p)

B – Gên. 2,4b – 25 (J)

II – Primeiro pecado:

Gên. 3,1 – 3,24 (J)

III – Caim e Abel:

Gên. 4,1 – 16 (J)

IV – Lamec e a Canção da espada:

Gên. 4,17 – 24 (J)

V – A corrupção universal:

Gên. 6,1 – 8 (J)

VI – O dilúvio:

A – Construção da arca: Gên. 6,9 – 22 (P)

B – O dilúvio: Gên. 7,1 – 22 (P e J)

C – A aliança com Noé: Gên. 9,1 – 17 (P)

VII – A torre de Babel:

Gên. 11,1 – 9 (J)

VIII – As genealogias:

A – de Adão: Gên. 5,1 – 32 (P)

B – de Noé: Gên. 9,18 – 27 (J) e Gên. 10,1 – 32 (P)

C – de Sem: Gên. 11,10 – 32 (P e J)

(2) A respeito do estilo de J e P, cfr. Von Rad, G.; *Genesis*, SCM Press Ltd, London (1963), pp. 23 – 27.

I – A CRIAÇÃO

A – Gên. 1,1 – 2,4a (P)

Dentro do esquema de semana proposto pelo Código Sacerdotal nesta narrativa da criação, o **HOMEM** aparece no sexto dia (vv. 24 – 30). Embora ele apareça no mesmo dia que os animais terrestres, sua posição é claramente ressaltada pelo hagiógrafo, através do uso de expressões fortes: (a) **“façamos”** (v. 26) – o plural aplicado a Deus como sujeito soa para nós como algo estranho e de fato é uma **“cruz interpretum”**. A interpretação mais corrente para esse plural leva-nos a entendê-lo dentro de um significado possível no Antigo Testamento: Deus recorrendo a todas as suas potências para realizar um ato especial – a criação do homem.(3)

(b) **“... a nossa imagem e semelhança”** (vv. 26 e 28) – O próprio texto bíblico nos oferece a chave da interpretação, discorrendo nos versículos seguintes sobre a originalidade do homem caracterizada pela sua capacidade de domínio sobre as outras criaturas e pela sua possibilidade de um fazer criativo. **“El dominio universal, encomendado al hombre por Dios en el momento de su creación, corresponde a su modo de ser imagen de El, sin que tengamos por qué afirmar que este ‘ser imagen de Dios’ se refiera a una similitud com el ‘ser divino’ en cuanto peculiaridad del Creador”**.(4) Ainda podemos notar que tal semelhança pode ser observada se levarmos em conta que a palavra Hebráica **‘behemah’** pode denominar tanto **animal** como **mudo**.(5) A peculiaridade que estabeleceria a semelhança com Deus, seria, então, a **palavra**, a possibilidade de diálogo.

Assim, neste relato, o homem é apresentado como o cume, o ponto alto de toda criação, pois ele participa do poder criativo de Deus e é um ser dotado de palavra que proporciona o diálogo.

B – Gên. 2,4b – 25 (J)

Aqui, o homem já não é visto como o cume de uma série de criações, mas aparece **“na terra”** e **“da terra”**, ressaltado pelo javista através de um jogo de palavras impossível de ser feito em português: **‘adam** (= homem)/**‘adamah** (= terra). Mais ou menos como no latim **“homo”** e **“humus”**.

(3) Cfr. Von Rad, *op. cit.*, p. 57.

(4) Bauer, J. B.; *La prehistoria bíblica*, Verbo Divino, Navarra (1969), pp. 38 – 39.

(5) cfr. Zorell, F.; *Lexicon Hebraicum et Aramaicum VT*, PIB, Roma (1966).

Visualizamos assim a descrição poética e profunda do J: a terra árida e aquele que vai cultivá-la, transformá-lo (o homem) brotando do meio dela, modelado pelas mãos de Deus que lhe dá a vida (nefesh). Em seguida, o autor apresenta a missão que o homem exercerá dentro dessa terra árida: fazer com que o solo se torne fértil (v. 5b). Mais clara ainda aparece essa missão se aceitarmos a tradução do v. 6 como sendo relacionado com o homem: “... e da terra fizesse (o homem) sair uma onda para irrigar a superfície do solo”. (6). E, no texto, esse domínio não se restringe à terra, pois os vv. 19 – 20 mostram o homem dando nome aos animais. “Dar nome” significa ter-domínio-sobre.(7)

Embora o homem apareça aqui como centro da criação e não como cume, tanto no documento P como no J, ele é apresentado como aquele que tem um poder transformador sobre a terra, e um domínio sobre os outros seres criados.

No estágio final de sua redação, a Bíblia, nos dois relatos da criação, mostra o seguinte quadro do homem no universo:

1. o homem é criatura;
2. o homem é o cume e o centro do mundo criado;
3. o homem é dotado de uma potencialidade de domínio e poder da qual não participam os outros seres criados. Essa potencialidade lhe é conatural, faz parte de seu próprio ser-homem;
4. o homem é dotado de palavra, o que o torna capaz de um diálogo responsável.

Nota: Os vv. 21 – 24 ressaltam que a sexualidade faz parte da obra criadora de Deus e, por si, ela não é causa de ambigüidade, mas complementariedade (cfr. Gên. 1, 27 – 28).

II – O PRIMEIRO PECADO: Gên. 3,1 – 24 (J)

Pode-se juntar ao texto Gên. 2,8 – 17 pois faz parte de uma tradição que “se mostra com vistas al relato del capitulo 3”(8).

(6) Bíblia Sagrada dirigida pelo Pont. Inst. Bíblico de Roma, Ed. Paulinas, SP (1 967).

(7) Larraya, G.; verbete **Nome**, in Enciclopedia della Bibbia, LDC, Torino-Leumann (1 971).

(8) MALY, E. H.; Génesis, in Com. Bíblico “San Jeronimo”, Ediciones Cristiandad, Madrid, (1 971), Tomo I, p. 71.

Se, como nós, os escritores bíblicos experimentaram essa potência criativa do homem, eles também perceberam, como nós, que a situação humana não é assim tão otimista. Desde que o homem é homem, ele se descobre ambíguo. E então a Bíblia, através do J, começa a mostrar essa ambigüidade que experimentamos na interioridade de nossa história, com uma “estória simples, para um povo simples, que parece quase uma estória de crianças e que, no entanto, ninguém esgotou o seu conteúdo”(9). Essa estória, segundo C. Minette de Tillesse(10), tem uma estrutura literária com um esquema claro de estilo clássico, onde os personagens representam o mundo irracional (serpente) e racional (mulher e homem) e que são apresentados como exemplos da ambigüidade constatada em toda a criação: a serpente, astuta e pronta para dar o bote, rasteja, e os que a vêem querem esmagar-lhe a cabeça; a mulher, fonte de vida, se vê em dores com o parto; o homem, senhor e transformador da matéria, se vê na luta suada e constante com a terra e principalmente com a MORTE, que é o cume e resumo de todo o mal existente. E o J pergunta: por que isso ? porque o homem, rei do universo, está sujeito à morte que aniquila o seu ser ? por que está preso à essa angústia fundamental ? O mal está aí. Onde vem ele ? De Deus não pode ser, porque Ele só quer o bem. Então de quem poderia vir ? Do próprio Homem ! É o que quer mostrar a estória quando narra o homem se apoderando da “árvore da ciência do bem e do mal” (2,16 – 17; 3,3 – 6). Qualquer que seja a interpretação dada à essa árvore (11), sempre nos leva a ver que se a situação é essa, ela provém de uma escolha do homem, e não de uma fatalidade divina, vinda lá de cima; “é um desafio que o homem, mesmo que seja a longo prazo, poderá resolver”(12).

Está presente no relato um “manifesto de inconformismo”: nós que nos descobrimos donos do universo, capazes de transformações incríveis, batemos, ao mesmo tempo, com a cara no mal, na porta da morte. Descobrimo-nos carentes, em estruturas carentes, apesar de sermos “a imagem e semelhança de Deus”.

III – CAIM E ABEL: Gên. 4,1 – 16 (J)

Depois de apresentar a ambigüidade fundamental, o J passa a mostrar outras ambigüidades que ele constata na humanidade e no mundo.

(9) Minette de Tillesse, C.; O “**Pecado Original**” em Gênesis 3 e suas implicações **escatológicas**. Uma nova interpretação, in RCB, Ed. Loyola, V. 1, nº 1, Nova fase, SP (1977), p. 63.

(10) Idem, **ibidem**, pp. 61ss.

(11) Bauer, J. B.; **op. cit.**, pp. 49ss.

(12) Minette de Tillesse, **op. cit.**, p. 66.

Esta narrativa está unida à anterior (v. 1), mas pertencida antes a um contexto bem diferente, provavelmente ligada à história dos quenitas(13). Notamos já o progresso do homem na **diversidade de profissões**: Abel é pastor e Caim é agricultor (v. 2). Dentro de um contexto de sacrifícios oferecidos de difícil sondagem por causa do texto conciso e corrompido, transparece a inveja de Caim que anda irado e cabisbaixo (v. 5). O autor descreve psicologicamente a entrada do mal no coração humano, mas que este pode dominar (v. 7). Mas ele se deixa dominar e acontece o assassinato (v. 8). A questão proposta em Gên. 3,9 era: “Onde estás”; o homem pensando em ser astuto como a serpente (heb. = ‘arum), se descobrira na sua nudez (heb. = ‘arom). Agora a questão é: “Onde está o teu irmão ? ” (v. 9). “A questão de Deus agora aparece como uma questão social” (Vischer). A resposta dada por Caim indica a continuação do desvio: “Porventura sou o guarda do meu irmão ? ” (v. 9), i.e., “tenho que pastorear o pastor ? ”. Dentro da diversidade criativa e transformadora da profissão aparece a distorção. Um corpo assassinado e jogado por terra clama, grita, do solo a Deus(14) A terra (= ‘adamah) clama por justiça. O mesmo solo arado por Caim e que dera o fruto é compelido a beber o sangue de Abel e por isso começa a lhe negar o fruto. E Caim é banido do solo fértil para a região de Nod (v. 16), a terra sem descanso(15).

Uma narrativa independente, que encaixada e “costurada” ao novo contexto, mostra a crescente ambigüidade: o progresso trazido pela diversidade de profissões está permeado por um assassinato e com as dificuldades sobre o próprio solo.

IV – LAMEC E A “CANÇÃO DA ESPADA”: Gên. 4,17 – 24

Mais uma vez nos deparamos com duas narrativas unidas artificialmente. Antes (v. 16), Caim se retirara para a “terra de ninguém” e agora (v. 17), encontramos os seus descendentes fundando uma comunidade. É evidente que a “costura” foi feita para servir ao objetivo do hagiógrafo. Ele quer apresentar o estágio do agrupamento humano que se desenvolve como comunidade organizada. Aos pastores e agricultores se ajuntam os **criadores de gado graúdo**, os **músicos (a arte)** e os **ferreiros (a metalurgia)**. O ferreiro dá azo para a outra

(13) cfr. Von Rad, *op. cit.*, pp. 104 – 105.

(14) O verbo hebráico usado Z’K expressa um apelo de proteção legal (cfr. Gên. 18,20; Deut. 22, 24,27; 2Rs. 8,3; Job 16, 18 – 19) e corresponde à “voz dos oprimidos”.

(15) Uma terra de Nod é desconhecida, mas o hebreu reconhece no nome o vocábulo **nud** fugir.

parte (vv. 23 – 24): a “canção da espada”, canção muito antiga de vanglória, transformada em cantiga de vingança. Incorporada à grande obra, serve para tornar visível o outro lado do progresso, o outro lado da medalha que caminha lado a lado com o desenvolvimento: **o espírito de uma crescente irreconciliação**, pela qual a comunidade humana se torna cada vez mais fissurada. Lamec não está satisfeito com a proteção dada a Caim e toma para si a execução da vingança de um modo atrevido. O distúrbio da vida se avoluma cada vez mais. A ação criminosa se espalha e, pior, o homem se vangloria disso: “Matei um homem com uma ferida minha e um jovem com uma contusão minha; Caim é vingado sete vezes, mas Lamec setenta e sete vezes” (vv. 23 – 24).

V — A CORRUPÇÃO UNIVERSAL: Gên. 6,1 – 8 (J)

Já acostumados às transições ingênuas, podemos facilmente detectar que estamos sendo introduzidos num bloco primitivamente independente. A cronologia é generalíssima e se contenta em dizer que os homens se multiplicaram sobre a terra e lhe nasceram filhas (v. 1). Percebemos que algo de novo é introduzido: os atores principais não são homens, mas os “filhos de Deus” (v. 2) que habitam num mundo celeste, segundo a concepção dos antigos (cfr. Job 1, 6ss; Sal. 89,6). A velha discussão para esclarecer a natureza desses seres ainda não chegou e talvez nem chegue a ser concluída(16). O importante para a leitura que estamos fazendo, é que esses seres superiores, unindo-se as mulheres, formam uma espécie de **super-humanidade**. Embora os “hann e filiyim” (= valentes, heróis; LXX = gigantes) parecem estar aqui só como um dado arqueológico (v. 4), na primitiva forma provavelmente eles já apareciam no v. 2 como descendentes dos seres celestes e das mulheres dos homens. “O propósito original desta história foi precisamente contar etiologicamente a origem de tais heróis como nascidos desses casamentos”(17). “Il convient ici de méditer avec W. Vischer les paroles clairvoyantes de Jakob Burkhardt sur les grands personnages de l’histoire mondiale: ‘Leur nature demeure un vrai mystère dans l’histoire du monde; leur rapport avec une époque est un **hieròs gámos** qui ne se consomme presque que dans des temps terribles, qui offrent seuls aux grands leur dimension demesurée.” (18)

(16) cfr. Bauer, J. B.; **op. cit.**, pp. 84ss.

(17) Von Rad, **op. cit.**, p. 111.

(18) Von Rad, G; **Théologie de L’Ancien Testament**, Labor et Fides, Genève (1963), p. 142, nota 1.

A redação final do texto, através de uma deslocação dos “heróis”, apresenta a questão, antes reduzida para alguns indivíduos, num âmbito universal. Assim a reflexão que brota do texto atual é a tentativa do homem de construir uma super-humanidade baseada numa transcendência insuficiente e disforme, fundada numa união com seres ‘privilegiados’. E a reflexão não para aí: tal super-humanidade não tira o homem de sua ambigüidade e carência; ao contrário: torna-se mais terrível e aguda (cfr. vv. 3 e 5).

VI – O DILÚVIO: Gên. 6,9 – 9,17 (P e J)

Em 6,5 – 8 já encontramos a transição da narrativa anterior para o relato do dilúvio. A humanidade está doente no próprio “coração”, i.e., no seu cerne.(19) É o “fundo do poço”, o momento em que só uma revira-volta fundamental poderá fazer encontrar o sentido verdadeiro. Então o J nos introduz, de maneira antropomórfica, no “coração angustiado de Javé” (6,6), para dizer que aquilo que se vai seguir não é pura destruição indiferente, fria, mas a reformulação da busca de sentido para o homem (6.8).

Os que se segue até o cap. 9,17 está eivado de mitos extrabíblicos(20), não obstante todo o trabalho demitizante dos autores bíblicos, que se preocupam em narrar mais o que se passa no universo do homem e não no mundo dos deuses. Mesmo se, antes, o J nos levara até o “coração” de Javé, não quis refletir um acontecimento que sucedeu “in illo tempore”, mas quis mostrar que o relacionamento de Javé com a humanidade é salvador, e não destruidor. Se somos tentados a imaginar o dilúvio como uma destruição total para a qual necessitaria um recriar do nada (6,7; 6,13; 7,4; 7,21.22.23ab), logo isso é desfeito. A preservação de Noé com sua descendência e com a própria criação (6,8 – 10; 8,20; 9,18 – 19 etc.) indica que a humanidade não voltou à estaca zero, partindo “da capo”. Até a própria ambigüidade continua ainda presente (8,21 – 22). A humanidade é convidada a retomar o caminho iniciado, mesmo dentro da ambigüidade, mas no contexto de uma Aliança que havia sido desrespeitada.

(19) cfr. Wolff, H. W.; **Antropologia do Antigo Testamento**, Ed. Loyola, SP (1 975), pp. 77ss.

(20) cfr. Plessis, J.; **Babylone et la Bible**, in *Dictionnaire de la Bible, Supplément*, Letouzey et Ané, Paris (1 928), col. 714 ss.

VII — A TORRE DE BABEL: Gên. 11,1 — 9 (J)

Esta narrativa foi reservada para o fim do conjunto bíblico que nos propõe a sua versão do progresso humano. De fato, o texto mostra o homem chegando a um estágio de desenvolvimento bastante elevado. Todos reunidos numa “aldeia global” na planície de Sinear (11,2), possuem uma maneira rápida e direta de **comunicação** (11,1), constroem uma **grande cidade** (11,4) através de uma **nova tecnologia** (11,3). Assim “a narrativa constitui o ponto culminante da ‘Urgeschichte’, cujo sentido e fim são universais. O elemento ‘Ur’ não se refere apenas a um passado distante, mítico (primitivo), mas também ao que é constitutivo da própria história (fundamental)”(21).

Mais uma vez, porém, o capítulo não se encaixa com o que fora proposto no capítulo anterior. No capítulo 10 (“Lista das Nações”), onde se descreve a geração de Noé, a diversidade de idiomas e de etnia é proposta como um bem (10,31 — 32), enquanto que aqui tal diversidade se apresenta como um castigo (10,5 — 9). O narrador ligou livremente tradições particulares e, ao fazer isso, se preocupou mais com a orientação teológica interior do todo que com uma harmonia precisa de detalhes. Desse modo, o seu especial significado deve ser encontrado no contexto do todo, porque este material mais antigo, corajosamente desbastado e refundido, foi incorporado na história primitiva em suas idéias principais embora elaborado de maneira não muito clara. (22).

Porém, já uma aguda observação histórica se enuncia: as nacionalidades que surgem de grandes migrações, de grupos em movimento que de repente saem da obscuridade para a luz da história e se elevam ao poder cultural. A sedentarização, então, é feita de maneira sofisticada e no interesse de uma forte aliança e fama.

Esse desenvolvimento titânico de uma civilização humana que se intensifica, essa ascensão para uma grandeza pode corresponder à alienação mais profunda do homem e chegar à catástrofe e à **confusão** geral (11,7 — 9). Dentro de uma imagem primitiva de toda a cultura humana e das energias fundamentais que a fazem progredir (conjuntura econômica, vontade de grandeza dinâmica, comunicação), contemplamos na ‘legenda’ uma incontestável desconfiança, porque tal empresa titânica pode levar o homem a parar nesse meio

(21) cfr. Anderson, B.; **A narrativa de Babel, Paradigma da Unidade e diversidade humanas**, in *Concilium* 121, Ed. Vozes (1 977), pp. 73.

(22) Idem, *Ibidem*, pp. 73 — 81.

caminho e a sua obra imensa pode fazê-lo cair de joelhos diante de um ídolo e desviar o seu próprio sentido.

VIII – AS GENEALOGIAS

A primeira coisa que notamos é que as genealogias presentes em Gên. 1 – 11 fazem parte, na sua maioria, do P e, portanto, vão refletir um ponto de vista mais otimista do que os textos pertencentes ao J. Ligadas à primeira narrativa da criação: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra...” (1,28) e depois ao dilúvio: “Mas sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela” (9,7) são o “cimento que une as paredes do edifício”(23) do caminho da humanidade inteira. “O autor não se coloca na perspectiva dos conflitos dramáticos entre as nações idolátricas e o povo eleito, mas num mundo anterior, em que as nações são consideradas apenas em sua realidade natural e como fazendo parte da criação de Deus”(24). A diversidade de povos aparece na concepção do autor, na sua universalidade(25); e a divisão em famílias, línguas, países e nações é mostrada como algo espontâneo e constitutivo da natureza humana. A diversidade de ordem racial, de ordem cultural, de ordem geográfica, de ordem política, numa recíproca fecundação, é uma grande proposta para a busca da verdade e do sentido. Assim, no conjunto, o episódio da Torre de Babel, apresenta mais um dado frustrador: a negação da diversidade.

*

Após essa rápida leitura de Gên. 1 – 11, podemos resumí-la do seguinte modo:

Constatações:

- (1) A humanidade toda está continuamente em busca de um **sentido** para si e para tudo que a rodeia;
- (2) Nessa sôfrega procura, ela experimenta a força criativa que possui e assim realiza transformações engrandecedoras através
 - da própria possibilidade de escolha,

(23) Konings, J. (coord.); **Religião e Cristianismo**, PUCRS (1 977), pág. 131.

(24) Danielou, J.; **No Princípio**, Ed. Vozes, Petrópolis (1 964), pp. 100 – 101.

(25) Em 10, 1 – 32 a genealogia é engendrada de tal modo a formar o número **setenta**.

- da diversidade de profissões,
 - das artes e ofícios,
 - do trabalho coletivo e organizado,
 - da comunicação,
 - do fenômeno urbano e tecnológico;
- (3) Por outro lado, a humanidade experimenta no seu caminho:
- que antes de tudo e no fim de tudo está a morte;
 - que, na diversidade de profissões, existe a concorrência desleal e destruidora;
 - que a terra produtiva pode tornar-se estéril nas mãos do homem;
 - que, junto à flauta e a tuba, o Homem pode construir a espada para a vingança;
 - que a criação de uma super-humanidade pode-se tornar tremendamente funesta;
 - que, dentro da multidão, pode haver solidão;
 - que o elevador da Torre de Babel pode enguiçar e sua obra ficar paralisada.

Reflexões:

- (1) O homem, para desbloquear o seu caminho que persegue o sentido, tem necessidade de redizer continuamente a aspecto transcendental de sua “imagem e semelhança”;
- (2) Só a Transcendência vai-lhe possibilitar uma esperança
- de esmagar a cabeça da serpente astuta que o desnuda, mesmo que esteja ele com o calcanhar ferido (Gên. 3,15).
 - de um sinal que permita não morrer definitivamente (Gên. 4,15),
 - de um fazer criativo que não leve ao caos, mas que ordene (Gên. 9,13 – 17),
 - de recuperar a linguagem perdida e que aponte o sentido (Gên. 12,1 – 4).